

  
**ruep**

Revista UNILUS Ensino e Pesquisa  
v. 17, n. 48, jul./set. 2020  
ISSN 2318-2083 (eletrônico)

**IRENE RAGUENET TROCCOLI**

*Universidade Estácio de Sá, UNESA, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.*

*Recebido em setembro de 2020.  
Aprovado em dezembro de 2020.*

## GROUNDING THEORY: PREFERIVELMENTE UMA TÉCNICA, NÃO UM MEIO

### RESUMO

---

A Grounded Theory (GT) tem demonstrado baixa adesão por parte dos pesquisadores brasileiros da área de Administração. Essa pesquisa descritiva mapeia seu uso nos artigos de Administração contidos na base Scielo entre 2013 e 2020, verificando-lhes 1) a evolução em relação a mapeamento semelhante anterior, 2) quantos deles utilizaram a GT para a obtenção de teoria substantiva e quantos utilizaram a GT como técnica de tratamento de dados, e 3) quais as vertentes de GT utilizadas. Conclui-se que, embora tenha havido aumento no interesse dos pesquisadores pelo uso da GT no interregno, ele ainda é reduzido, e, quando ocorre, há preferência enquanto técnica de tratamento de evidências. Ao final, sugere-se que cursos de metodologia da pesquisa, principalmente em nível de pós-graduação, invistam na divulgação da GT enquanto meio de pesquisa.

**Palavras-Chave:** grounded theory, levantamento bibliográfico, meio de pesquisa.

## GROUNDING THEORY: PREFERABLY A TECHNIQUE, NOT A MEANS

### ABSTRACT

---

This descriptive paper refers to GT use in Administration articles in Scielo database between 2013 and 2020: 1) the evolution in relation to a previous similar mapping, 2) how many of them used GT for substantive theory and how many used GT as a data processing technique, and 3) which GT types were used. The conclusion is that, although there has been an increase in these researchers' interest in using GT, it is still reduced, and when it occurs, preference goes to its use as data processing technique. At the end, it is suggested that research methodology courses, especially post-graduate ones, disseminate GT as a research method.

**Keywords:** grounded theory, bibliographic search, research method.

Revista UNILUS Ensino e Pesquisa  
Rua Dr. Armando de Salles Oliveira, 150  
Boqueirão - Santos - São Paulo  
11050-071  
<http://revista.lusiada.br/index.php/ruep>  
[revista.unilus@lusiada.br](mailto:revista.unilus@lusiada.br)  
Fone: +55 (13) 3202-4100

## INTRODUÇÃO

Pode-se dizer que, no campo das pesquisas acadêmicas de Administração, a Grounded Theory (GT), proposta inicialmente há meio século por Glaser e Strauss (1967), é um meio de pesquisa singular. Seu objetivo é muito diferenciado daqueles dos demais meios de pesquisa qualitativa: a geração de teoria substantiva. Também denominada de emergente, trata-se de teoria muito específica, aplicável apenas a determinado campo, e que serve como base a teoria formal.

A GT apresenta três vertentes distintas: a clássica, proposta por Glaser e Strauss (1967) e aperfeiçoada por Glaser e Holton (2004); a straussiana, proposta por Strauss e Corbin (1998); e a construtivista, proposta por Charmaz (2008).

Qualquer que seja a vertente utilizada, a aplicação da GT enquanto meio de pesquisa voltado à obtenção de teoria substantiva fundamentada em dados não é considerada trivial (ROMAN; OSINSKI; ERDMANN, 2017), tendo em vista que se trata de processo intenso e longo. As diversas etapas necessárias para tanto - agendamento de entrevistas, análise das evidências, e alcance da saturação teórica - não raro implicam que a redação do relatório final só ocorra mais de 12 meses após o início da pesquisa. Além disso, dificultam predeterminar sua finalização de forma precisa, o que se revela especialmente grave quando se trata de projetos que necessitam de bolsas de pesquisa (GOULDING, 2002).

Exemplo dessa complexidade pode ser encontrado na observação de Creswell (2014) de que, entre os pesquisadores que se utilizam da GT na vertente straussiana, raramente é construída a matriz condicional, criada por Strauss e Corbin (1998) para ajudar na realização de conexões entre as condições macro e micro que influenciam a teoria substantiva identificada. A suposição é de que "(...) os pesquisadores da teoria fundamentada raramente têm os dados, tempo ou recursos para empregar a matriz condicional" (CRESWELL, 2014, p. 80). Isso os levaria a uma adaptação questionável do uso da GT, já que a construção dessa matriz seria teoricamente obrigatória antes de se chegar à teoria substantiva.

Por seu turno, Strauss e Corbin (1998) esclarecem que a técnica de tratamento de evidências da GT serve a pesquisas qualitativas que não obrigatoriamente visem à obtenção de teoria substantiva. Entretanto, mesmo havendo essa possibilidade "intermediária" de apropriação do termo GT, os pesquisadores brasileiros de Administração lhe têm mostrado baixo interesse. Levantamento executado por Troccoli (2014) em maio de 2013 com as palavras-chave "grounded theory", "teoria fundamentada nos dados", e "teoria fundamentada em dados" junto a periódicos de Administração dentro da base Scielo e dentro das homepages dos periódicos resultantes dessa busca, redundou em apenas 11 artigos com pesquisas empíricas atribuídas à GT; dentre eles, seis utilizaram-se da técnica preconizada pela GT para tratar evidências.

Por seu turno, Medeiros, Santos e Erdmann (2020) pesquisaram, em agosto de 2018, os conteúdos de toda base de dados de anais dos congressos da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração (ANPAD) e de toda plataforma de dados Scientific Periodicals Electronic Library (SPELL) até aquela data. Eles encontraram 25 artigos com as palavras-chave "grounded theory", "teoria fundamentada" e "teoria substantiva", número diminuto considerando-se que, no caso da ANPAD, até agosto de 2018 já haviam sido realizadas 78 edições de seus eventos, cujo total de trabalhos aprovados em cada um deles não é informado, embora se possa imaginar o tamanho desse somatório, considerando-se a quantidade expressiva de artigos que, a cada ano, são aprovados nesses eventos. Já o acervo total de artigos da base SPELL, em fins de agosto de 2020, era de 52.805 documentos, dos quais aproximadamente - tendo em vista as eventuais sobreposições de resultados de pesquisa - 76% relativos à área de Administração.

À luz desses inventários, e supondo que a produção científica de uma forma geral tem crescido no País já que tem aumentado o número de pessoas envolvidas em pesquisa acadêmica de pós-graduação (CAPEHUCHNIK, 2015), surge a curiosidade quanto ao uso da GT como meio de pesquisa nos anos recentes ainda não mapeados. Assim, são as

seguintes as perguntas dessa pesquisa: 1) Quantos artigos da Administração referidos aos termos “grounded theory” ou “teoria fundamentada nos dados” ou “teoria fundamentada em dados” adentraram a base Scielo entre junho de 2013 e agosto de 2020? 2) Qual foi a evolução apresentada nessa contagem em relação ao mapeamento anterior realizado por Troccoli (2014)? 3) Dentre esses novos artigos, quantos utilizaram a GT para a obtenção de teoria substantiva e quantos utilizaram a GT como técnica de tratamento de dados? e 4) Quais as vertentes de GT utilizadas?

No caso da primeira e segunda perguntas, as respostas poderão indicar o estado do interesse dos pesquisadores qualitativos em Administração pela GT. Caso tenha se intensificado nesses últimos sete anos, indicaria uma maior coragem por parte deles – finalmente uma resposta ao apelo pela inovação metodológica lançado já há uma década por Onwuegbuzie, Leech e Collins (2010)?

A resposta à terceira pergunta reforçará a conclusão a respeito dessa (eventual) coragem, já que o esforço de alcançar teoria substantiva indica que o propósito maior da GT foi alcançado. Finalmente, a resposta à quarta pergunta poderá indicar as preferências em relação às posições filosóficas dos pesquisadores que utilizam a GT tanto enquanto técnica de tratamento dos dados como enquanto meio de pesquisa.

Esse artigo contém mais três seções além dessa introdução, sendo a primeira delas um breve resgate dos principais aspectos da GT. As demais duas seções são a apresentação do método utilizado conjuntamente com os resultados da pesquisa, e a conclusão.

## PRINCIPAIS ASPECTOS DA GROUNDING THEORY (GT)

O princípio da GT é ultrapassar os limites de uma pesquisa descritiva, chegando a uma teoria substantiva, que é aquela escrita por um pesquisador próximo a um problema específico ou a uma população de pessoas (CRESWELL, 2014). Isso seria possível por meio de evidências obtidas em campo – principalmente ações, interações e processos sociais das pessoas – tendo em vista a preferência desse meio de pesquisa por orientações ancoradas a priori na sociologia.

A operacionalização da GT pode se dar de três formas diferentes, dependendo da vertente escolhida: clássica, straussiana ou construtivista. Em todos os casos, o princípio básico é que o pesquisador deve ir a campo quantas vezes for necessário em busca de evidências – também chamadas de dados – que deverão ser categorizadas por meio de comparações entre si conforme emergirem. Esse processo deverá ser executado até alcançar a saturação, quando será possível elaborar teoria substantiva em toda sua complexidade.

Isso significa que a GT se apoia na lógica de inferência abdutiva, em processo indutivo de interpretação, e em processo de dedução e de validação de proposições. Dessa forma, há relacionamento recíproco entre a coleta de dados e a análise/formulação/validação da teoria (BANDEIRA-DE MELLO; CUNHA, 2010).

O coração da GT residiria na providência que acompanha o levantamento das evidências primárias, essencial para alcançar uma teoria substantiva fundamentada, e que serve como instrumento à análise das informações primárias: o estudo e a interpretação dessas evidências com vistas à sua codificação, sustentada principalmente por meio de comparação constante durante essa codificação. “A codificação é o processo central da metodologia da teoria clássica fundamentada. É através da codificação que ocorre a abstração conceitual dos dados e sua reintegração como teoria” (HOLTON, 2010, p. 21).

De acordo com Flick (2009, p. 277), um código pode tomar a forma de uma palavra ou frase curta que, atribuída a um dado visual ou linguístico, simbolicamente designa um atributo que se destaca e ou que capta a essência daquilo que é dito e ou

que evoca aquilo que é dito: “A interpretação é o ponto de ancoragem para decidir sobre quais dados ou casos serão os próximos a ser integrados na análise, e sobre a forma ou os métodos por meio dos quais eles devem ser coletados”. Por seu turno, é importante frisar que, para autores como Gordon-Finlayson (2010), a codificação é simplesmente uma estrutura que subsidia a reflexão do pesquisador.

A GT trouxe uma segunda novidade enquanto meio de pesquisa: conforme os conceitos emergem a partir da codificação e da comparação, o pesquisador deve elaborar memorandos, que servem para relatar tudo o que se pensa sobre os participantes, e sobre os fenômenos ou processos sob investigação, de modo que isso ajude na reflexão a respeito. Os assuntos registrados nos memorandos, e sobre os quais serão feitas reflexões, podem ser todos aqueles que possivelmente levarão à teoria substantiva - por exemplo, os processos de codificação e de escolhas de código, a forma como se desenvolve o processo de consulta, os padrões emergentes, as categorias e subcategorias, e os temas. Para Saldaña (2013), a elaboração de memorandos, mais do que a codificação, seria o verdadeiro motor da GT.

Por sua vez, a codificação proposta na denominada vertente clássica de Glaser e Strauss (1967) acarretou o interesse de diversos pesquisadores em refiná-la à luz de suas respectivas reinterpretações. Isso gerou não só aperfeiçoamento da vertente clássica, por parte de Glaser e Holton (2004), como também duas novas vertentes: a straussiana de Strauss e Corbin (1998), e a construtivista de Charmaz (2008).

Glaser e Holton (2004) identificaram que, ao analisar evidências em busca de teoria substantiva, o pesquisador de GT se envolve em três níveis de comparações constantes: códigos sendo comparados com códigos e com categorias emergentes, e categorias sendo comparadas umas com as outras. Além disso, essa dupla de autores entendeu que a análise comparativa englobaria uma dimensão final, quando a teoria emergente deveria ser comparada com a literatura, constituindo-se em uma quarta camada da técnica comparativa constante.

Já na vertente straussiana de Strauss e Corbin (1998), a codificação se dá por meio de estrutura rigorosa que, ao invés de descobrir, busca criar teoria substantiva que corresponda rigorosamente aos dados. O procedimento meticuloso é visto como difícil por Charmaz (2000), mas seus autores o justificam como sendo aprimorador e esclarecedor, capaz de inibir ambiguidades e imprecisões ao longo da análise das evidências. Portanto, seria capaz de aumentar a eficácia da GT enquanto meio de pesquisa: foi projetado para "especificar os procedimentos e técnicas" em meticuloso passo-a-passo destinado a auxiliar "pessoas que estão prestes a embarcar em seu primeiro projeto de análise qualitativa" (STRAUSS; CORBIN, 1990, p. 8).

Finalmente, a vertente constituída por Charmaz (2008) surgiu de suas críticas à vertente straussiana, já que evita a abordagem concreta, vinculada a regras e prescritiva da codificação, sob o argumento de que isso sufoca e reprime a criatividade do pesquisador. No caso, Charmaz (2008) apoiou-se em filosofia construtivista, que contempla "compromisso imaginativo com os dados" (p. 168). A compreensão é enfatizada em lugar da previsão, e a realidade percebida pelos sujeitos é preferida à verdade absoluta, embutindo a criação do conhecimento por meio da ação mútua de sujeitos e pesquisadores. Suas diretrizes de codificação são altamente adaptáveis e flexíveis: o pesquisador deve "aprender a tolerar a ambiguidade" e "tornar-se receptivo a criar categorias e estratégias emergentes" (p. 168).

Seis métodos em particular são considerados clássicos na codificação da GT, de uma forma geral: In Vivo, para processo, aberto (ou inicial), focalizado, axial e seletivo (ou teórico) (SALDAÑA, 2013). No caso da GT straussiana, a codificação se apropriou das codificações aberta, axial e seletiva, após Strauss e Corbin (1990, 1994, 1998) terem refinado os procedimentos de codificação da GT em sua versão clássica. Essa dupla de autores desenhou uma estrutura de codificação altamente sistemática e rigorosa que se propõe a criar - e não a descobrir - teoria que corresponda fielmente aos dados.

De acordo com Strauss e Corbin (2008), de forma resumida a codificação aberta é “processo analítico por meio do qual os conceitos são identificados e suas propriedades e dimensões são descobertas nos dados” (p. 103). Para tanto, ela “quebra” os dados qualitativos em partes, os examina detalhadamente e os compara entre si, buscando semelhanças e diferenças, tratando-se de “processo analítico por meio do qual os conceitos são identificados e suas propriedades e dimensões são descobertas nos dados” (p. 103). Já a codificação axial é “o processo de relacionar categorias às suas subcategorias” (p. 123), servindo para situar os códigos em níveis de prioridade para desenvolver categorias-eixo em torno das quais outros códigos gravitam. Finalmente, a codificação seletiva é o processo de integrar e refinar categorias para formar a teoria substantiva, ou seja, trata-se da sintetização dos códigos para formular uma categoria central que se torne a base para a explicação de teoria fundamentada (SALDAÑA, 2013).

Vale notar que essas etapas não devem ser entendidas como claramente distinguíveis ou obrigatoriamente separadas no processo: embora a interpretação dos dados se inicie normalmente com a codificação aberta, e a codificação seletiva se torne mais evidente ao final do processo interpretativo, o pesquisador pode, ou não, movimentar-se entre elas, e até mesmo combiná-las (FLICK, 2009).

Em nível de posição filosófica, Glaser (2002) afirmou que a vertente clássica - que busca conceitualizar padrão latente de comportamento - é generalista conforme está aberta à utilização de qualquer tipo de dado, e não está ligada a nenhuma perspectiva teórica. Assim, ela seria ontológica e epistemologicamente neutra, sem nenhuma lente específica por meio da qual os dados deveriam ser analisados. Essa posição veio a ser esclarecida por Holton (2007): não significava que a teoria fundamentada clássica estaria livre de qualquer lente teórica, mas sim que ela não deveria ser confinada a qualquer lente, podendo adotar qualquer perspectiva epistemológica apropriada aos dados e à postura ontológica do pesquisador.

Já a vertente straussiana da GT é vista por Strauss e Corbin (1991, 1998) como ontologicamente realista, crítica e pós-positivista. Ela estaria inserida dentro da filosofia do pragmatismo e do interacionismo simbólico, considerando que esse último entende que as pessoas agem e reagem em função do significado atribuído às definições formadas por processo de socialização. Assim, a interação entre seres humanos se daria com base em significados interpretados, enquanto a linguagem, por ser meio essencial deste processo interpessoal e interpretativo, mediará o processo de geração de significado (GOULDING, 2002). Para Strauss e Corbin (1991, 1998), teorias são até certo ponto falíveis e temporariamente limitadas porque são forjadas dentro de cultura e tempo particulares, inseridas em contextos históricos específicos, e colocadas como interpretações feitas a partir de determinadas perspectivas.

Vale notar que Charmaz (2000) é de opinião de que a vertente straussiana de fato teria traços pós-positivistas, quando, por exemplo, incorpora a história dos sujeitos pesquisados na análise de evidências. Mas, fundamentalmente, ela seria realista e positivista, 1) pelo lado do método, tendo em vista a meticulosidade de seus procedimentos, os quais, apoiados em levantamento imparcial das evidências e em verificação constante, implicariam excesso de regulamentações que tolheriam a análise criativa; e 2) pelo ângulo ontológico, já que pressupõe uma realidade externa e objetiva.

No que tange à vertente construtivista da GT, Charmaz (2000, 2006) entende que se trata de meio de pesquisa apoiado em ontologia relativista, que pressupõe a existência de múltiplas realidades sociais, desafiando a crença de que existe uma verdade objetiva que pode ser medida ou capturada através de investigação (CROTTY, 1998). O construtivismo epistemologicamente preocupa-se com a coconstrução do conhecimento e com a interpretação mútua de significado por parte tanto do pesquisador quanto dos sujeitos analisados, em busca de representação interpretativa das experiências dos participantes. Isso ocorre porque o construtivismo entende que a realidade seria construída por indivíduos à medida que eles atribuem significado ao

mundo ao seu redor (APPLETON; KING, 2002). No caso, o significado não estaria internalizado dentro de objetos à espera de serem descobertos: ele seria criado à medida que os indivíduos interagem e interpretam esses objetos (CROTTY, 1998).

Charmaz (2003, p. 250) propôs, portanto, uma versão da GT que "assume o relativismo de múltiplas realidades sociais, reconhece a criação mútua de conhecimento pelo espectador e por aquele que é visto, e visa a uma compreensão interpretativa dos significados dos sujeitos". Assim, essa reformulação construtivista da vertente straussiana da GT propõe-se a lhe recuperar os recursos ancorados no positivismo para forjar método mais flexível, intuitivo e aberto. Isso garantiria "um meio termo entre o pós-modernismo e o positivismo, oferecendo métodos acessíveis para levar a pesquisa qualitativa ao século 21" (CHARMAZ, 2000, p. 510).

## MÉTODO E RESULTADO DA PESQUISA

Essa pesquisa teórico-descritiva qualifica-se como levantamento bibliográfico. Os artigos pertinentes foram localizados por meio do acesso à base Scielo em meados de agosto de 2020, buscando-se os termos "grounded theory", "teoria fundamentada em dados" e "teoria fundamentada nos dados" em todos os índices, para artigos em português no Brasil publicados até então, nas áreas temáticas gerenciamento, administração pública, e negócios e finanças, na subárea ciências sociais aplicadas. Como a busca avançada da base Scielo não disponibiliza limite de mês para início e fim da pesquisa, optou-se por pesquisar os artigos publicados entre os anos de 2013 e 2020, e, quando do resultado, eliminar-se manualmente qualquer artigo do ano de 2013 que já tivesse feito parte da seleção utilizada por Troccoli (2014).

Houve retorno de 18 artigos, dos quais apenas um publicado em 2013 já fizera parte da pesquisa de Troccoli (2014). Com isso, sobraram 17 artigos, que foram lidos, de forma a identificar: 1) o periódico de publicação; 2) se a GT foi usada como técnica de tratamento de evidências ou como método de obtenção de teoria substantiva; 3) qual a vertente utilizada; e 4) se o artigo trazia indicação das etapas de codificação e, caso positivo, em qual nível de detalhamento (ver Quadro 1).

Quadro 1 - Artigos selecionados à análise: autoria com ano de publicação, periódico de publicação, identificação do propósito do uso da GT, vertente utilizada da GT, e indicação das etapas de codificação.

AUTORIA E ANO DE PUBLICAÇÃO	PERIÓDICO DA PUBLICAÇÃO (Todos Qualls A2)	USO DA GT PARA TEORIA SUBSTANTIVA (TS) OU COMO TÉCNICA DE TRATAMENTO DE EVIDÊNCIAS (TTE)	VERTENTE DA GT UTILIZADA	INDICAÇÃO DAS ETAPAS DE CODIFICAÇÃO
SANT'ANNA, A.; DINIZ, D. (2017)	BBR. Brazilian Business Review	TTE	Clássica	Não
INHAN, L.; FERREIRA, J.; MARQUES, C.; REBELO, J. (2013)	Revista de Administração de Empresas - RAE	TTE	Clássica	Sim, resumida
MEDIROS, C.; SILVEIRA, R. (2017)	Organizações & Sociedade	TTE	Construtivista	Não
PINTO, M.; SOUZA, Y. (2014)	BAR - Brazilian Administration Review	TTE	Construtivista	Sim, muito detalhada
GOMES, R.; FELIX, B. (2019)	Cadernos EBAPE BR	TTE	Construtivista	Sim, resumida
LARENTIS, F.; ANTONELLO, C.; SLONGO, L. (2018)	Revista Brasileira de Gestão de Negócios	TTE	Construtivista	Sim, resumida
NORONHA, N. (2018)	Revista de Administração Pública	TTE	Construtivista	Sim, resumida
LARA, R.; GOSLING, M. (2016)	REAd. Revista Eletrônica de Administração	TTE	Não especificada	Não
MENEGASSI, C.; FERNANDES, B. (2016)	Cadernos EBAPE BR	TTE	Straussiana	Sim, muito detalhada
BRULON, V.; PECL, A. (2018)	Organizações & Sociedade	TTE	Straussiana	Sim, detalhada
NEVES, A.; CARVALHINHA, P.; MURITIBA, P.; MURITIBA, S. (2017)	Revista de Administração de Empresas - RAE	TTE	Straussiana	Sim, muito resumida
FELIX, B.; BENTO, M. (2018)	RAM. Revista de Administração Mackenzie	TS	Clássica	Não
PINTO, M. (2014)	REAd. Revista Eletrônica de Administração	TS	Construtivista	Sim, detalhada
MIGUEL, L.; POPADIUK, S. (2014)	Cadernos EBAPE BR	TS	Straussiana	Sim, muito detalhada
CEPELLOS, V.; SILVA, G.; TONELLI, M. (2019)	Organizações & Sociedade	TS	Straussiana	Não
FERREIRA, R.; GOMES, J.; CARVALHO, A. (2020)	RAM. Revista de Administração Mackenzie	TS	Straussiana	Sim, resumida
ROMAN, D.; OSINSKI, M.; ERDMANN, R. (2017)	Revista de Administração (São Paulo)	TS	Straussiana	Sim, muito detalhada

Fonte: Elaboração própria.

No que tange à quantidade de artigos/ano, os anos de 2013 e 2020 não podem ser analisados como os demais, já que ambos tiveram apenas uma parte de seus meses incluída no levantamento dos artigos. Portanto, avaliando-se o período 2014-19 vê-se que os anos mais profícuos foram 2017 e 2018, cada um com quatro publicações, enquanto não foi encontrada nenhuma publicação no ano de 2015, três em 2014 e apenas duas em 2016 e 2019.

Em outras palavras, não se verificou nenhum tipo de tendência definida de crescimento ou de queda à publicação de artigos contemplando a GT no período analisado; ao contrário, o comportamento foi inconstante. Além disso, dois periódicos - Cadernos EBAPE.BR e O&S - se sobressaíram com a publicação de três artigos cada, enquanto RAM, ReAd e RAE tiveram dois, e os demais apenas um artigo com GT publicado.

O Quadro 1 mostra que: 1) tão somente seis artigos usaram a GT com a intenção de construir teoria substantiva; 2) em quatro desses foi adotada a vertente straussiana, em um foi adotada a vertente construtivista, e em um foi adotada a vertente clássica; 3) dentre os que utilizaram a GT como técnica de tratamento de evidências, dois adotaram a vertente clássica, cinco adotaram a vertente construtivista, três adotaram a vertente straussiana, e um não especificou; 4) todos os periódicos de publicação situavam-se no estrato Qualis A2; 5) cinco artigos não indicaram as etapas de codificação realizadas; e 6) dentre os 12 artigos que indicaram as etapas de codificação realizadas, seis o fizeram de forma detalhada ou muito detalhada, e seis o fizeram de forma resumida ou muito resumida.

## CONCLUSÃO E DISCUSSÃO

Respondendo-se às questões da pesquisa, tem-se que 17 artigos de Administração referidos aos termos “grounded theory” ou “teoria fundamentada nos dados” ou “teoria fundamentada em dados” adentraram a base Scielo entre junho de 2013 e agosto de 2020. Isso indica evolução positiva em relação ao mapeamento anterior realizado por Troccoli (2014), quando foram encontrados 11 artigos na base, contados desde seu início em 2001 até maio de 2013 - ou seja, ao longo de cerca de 12 anos. Assim, a média de menos de um artigo por ano no caso da pesquisa de Troccoli (2014) passou para 2,4 artigos/ano.

Ao mesmo tempo, 11 dos 17 artigos encontrados entre 2013 e 2020 utilizaram a GT como técnica de tratamento de evidências. Portanto, embora a GT venha aumentando sua atração junto a pesquisadores brasileiros na área de Administração nos últimos sete anos, enquanto meio de pesquisa sua penetração ainda se mantém muito tímida. Na verdade, é possível que esse fenômeno seja observável também em círculos mundiais de pesquisa, conforme sugere Gynnild (2017, p. 2), então editora-chefe do periódico norte americano The Grounded Theory Review: em seu editorial quando do lançamento da edição comemorativa dos 50 anos da GT, ela escreveu, referindo-se ao cofundador da GT, Barney Glaser: “Quando eu perguntei ao Dr. Glaser que tipo de artigos ele gostaria de ver nessa edição, ele rapidamente respondeu ‘Eu gostaria de ver mais teorias fundamentadas!’”.

Por outro lado, essa preferência pela GT enquanto técnica não impediu os autores de apostarem na valorização de seus trabalhos, ao submeterem-nos a periódicos de estrato elevado. Essa constatação pode sugerir que a afirmação “foi realizada GT” em artigo submetido a periódico - algo legítimo à luz do esclarecimento colocado por Strauss e Corbin (1998) de que a técnica de tratamento de evidências da GT serve a pesquisas qualitativas que não obrigatoriamente visem à obtenção de teoria substantiva - pode ser a senha para garantir uma atenção especial por parte dos avaliadores, sem que esses se importem se não há oferecimento de teoria substantiva.

Vale notar que aqui não se pretende desmerecer o esforço dos pesquisadores que realizam a técnica de análise de evidências proposta pela GT em qualquer de suas vertentes. De fato, quando realizadas dentro dos respectivos estritos preceitos, de forma alguma qualquer dessas análises se revela trivial e muito menos veloz, podendo até mesmo assustar pesquisadores menos experientes no que tange, por exemplo, à exigência de comparações constantes e repetições de procedimentos, inclusive no que diz respeito à volta ao campo.

Contudo, é preocupante que apenas três dos 11 artigos que informam ter utilizado a GT como técnica de tratamento das evidências tenham apresentado detalhes das etapas de codificação que realizaram, assim como três não apresentaram detalhe

algum, e cinco o tenham feito de forma resumida ou muito resumida. Isso porque pode-se dizer que o processo de codificação é o núcleo central da GT, tão relevante que foi o elemento que, após proposto pela primeira vez por Glaser e Strauss (1967), suscitou revisões que terminaram por gerar as versões straussiana e construtivista.

Não por acaso, O'Callaghan (1996) diz que a codificação das evidências na GT não é, de forma alguma, algo trivial. Ela requer, do pesquisador, capacidade de construir análises, de entender questões substantivas que orientam as questões de pesquisa, de dominar os princípios de uma escola de pensamento que ajude a enquadrar os conceitos emergentes, e de deter algum grau de experiência pessoal a respeito do assunto estudado. Goulding (2002) reforça esse aspecto: o processo analítico que leva a uma codificação bem sucedida depende da experiência prévia do pesquisador no que tange à decomposição tanto de entrevistas como de observações e de outras formas de dados em unidades distintas de significado, sem o que não pode haver sucesso no agrupamento desses conceitos em categorias descritivas nem na reavaliação final de suas inter-relações.

É possível, sempre, que a parcimônia dos autores identificados na presente pesquisa que se dedicaram à GT em apresentar detalhes de suas respectivas codificações esteja escudada na limitação de espaço ditada pelas diretrizes aos autores que submetem aos periódicos. Contudo, ao discorrerem sobre os processos de avaliação dos manuscritos submetidos a periódicos, Ferreira, Canela e Pinto (2014) apontaram que um dos fatores mais críticos nos artigos é a replicabilidade da metodologia. Isso reforça a afirmação de Byrne (2000) de que o método é a seção que mais frequentemente leva à rejeição direta nos periódicos. Com dizem Serra e Ferreira (2016, p. 4), "Talvez seja útil recordar que um leitor deveria ser capaz de reproduzir o estudo olhando o método".

Ou seja, em se tratando de método tão complexo como a GT, caberia aos autores refletirem se o melhor caminho não seria um esforço maior na compressão das demais seções para acomodar detalhamento no método capaz de garantir robustez à pesquisa aos olhos dos avaliadores. E, a esses últimos, caberia o conselho de cobrarem, dos autores dedicados à GT, esse maior detalhamento antes da aprovação final – cabendo, aqui, uma pergunta: será que essa cobrança não ocorre porque, dada a raridade do uso da GT, os próprios avaliadores não a entendam suficientemente para notarem esse tipo de lacuna?

Voltando-se à análise dos 17 artigos selecionados, seis optaram pela vertente construtivista e sete pela straussiana. Examinando-se a distribuição dos trabalhos que buscaram teoria substantiva por meio da GT enquanto meio de pesquisa e que utilizaram a GT como técnica de análise de dados, tem-se que a vertente construtivista foi mais utilizada no primeiro caso, e que a vertente straussiana teve sua distribuição praticamente equilibrada nos dois casos.

A preferência à vertente construtivista quando se tratou de busca por teoria substantiva pode ter sido motivada pelo fato de o procedimento de codificação aqui ser considerado mais interpretativo, intuitivo e impressionista do que no caso das demais vertentes. Isso porque ele busca conhecer profundamente os significados que os participantes atribuem a suas experiências, para tanto pregando que sejam realizadas entrevistas em profundidade e intensas com os sujeitos da pesquisa (CHARMAZ, 2006; HALLBERG, 2006). Assim, seria possível chegar a entendimento apresentado sob a forma de uma história, derivada da interpretação do pesquisador quanto ao processo social estudado, que engloba "categorias, condições, relações conceituais e consequências" (HALLBERG, 2006, p. 147).

Já a preferência pela vertente straussiana quando a GT foi usada como técnica de análise dos dados pode encontrar sua raiz no fato de, aqui, o procedimento ser um refinamento daquele proposto na versão clássica da GT. Muito mais meticulosa e especificada, a codificação proposta por Strauss e Corbin (1994, p. 273) busca aprimoramento e clareza, de forma a "aumentar a eficácia desta metodologia". Sua aparente complicação estaria em linha com a complicação da própria vida humana (STRAUSS; CORBIN, 1990), algo que pode ser visto como inerente a pesquisas qualitativas. Por outro lado, a codificação straussiana seria clara em relação aos procedimentos e técnicas; como já

dito anteriormente, isso a faria ideal para neófitos em análise qualitativa (STRAUSS; CORBIN, 1990).

A seleção restrita de artigos utilizados na presente pesquisa não pode ser indicada como uma limitação, já que se trata do resultado do levantamento escolhido; na verdade, seu pequeno número serviu à comprovação já indicada de que a GT permanece pouco utilizada por pesquisadores qualitativos de Administração no Brasil. Portanto, ficam aqui duas sugestões; a primeira, de que cursos de metodologia da pesquisa no Brasil, principalmente em nível de pós-graduação, invistam na divulgação da GT enquanto meio de pesquisa, evitando afastá-la a priori da agenda dos alunos com a justificativa da dificuldade e da demora no seu uso. A segunda sugestão é que pesquisa semelhante seja feita em base internacional de periódicos, para verificar se a mencionada solicitação de Barney Glaser (GYNNILD, 2017) remeteria a timidez dos pesquisadores estrangeiros quanto ao uso da GT como meio de pesquisa, à semelhança do caso brasileiro aqui identificado.

## REFERÊNCIAS

- APPLETON, J.V.; KING, L. Journeying from the philosophical contemplation of constructivism to the methodological pragmatics of health services research. *Journal of Advanced Nursing*, 40, p. 641-648, 2002
- BANDEIRA-DE-MELLO, R.; CUNHA, C. Grounded theory. In: C. Godoi, R. Bandeira-De-Mello; A. Silva (org.), *Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais. Paradigmas, estratégias e métodos*. São Paulo: Saraiva, 2010
- BRULON, V.; PECI, A. Quando processos de organizar se chocam: hibridismos no espaço social de favelas. *Organizações & Sociedade*, 25(84), p. 68-86, 2018
- BYRNE, D. Common reasons for rejecting manuscripts at medical journals: a survey of editors and peer reviewers. *Science Editor*, 23(2), p. 39-44, 2000
- CAPELHUCHNIK, L. Número de programas de pós-graduação no Brasil cresce 45%. 2015. Disponível em < <http://www.usp.br/aunantigo/exibir?id=7146&ed=1244&f=48>>. Acesso em 25 ago 2020
- CEPELLOS, V., SILVA, G.; TONELLI, M. Envelhecimento: múltiplas idades na construção da idade profissional. *Organizações & Sociedade*, 26(89), p. 269-290, 2019
- CHARMAZ, K. Grounded theory: Objectivist and constructivist methods. In N. Denzin, & Y. Lincoln, *The handbook of qualitative research* (2nd ed., p. 509-536). London, UK: Sage Publications, 2000.
- CHARMAZ, K. *Constructing grounded theory: A practical guide through qualitative analysis*. London, UK: Sage Publications, 2006.
- CHARMAZ, K. Grounded theory as an emergent method. In S. N. Hesse-Biber, & P. Leavy, *Handbook of emergent methods* (p. 155-170). New York, NY: Guilford Press, 2008.
- CRESWELL, J. *Investigação qualitativa e projeto de pesquisa*. Porto Alegre: Penso, 2014
- CROTTY, M. *The foundations of social research: Meaning and perspective in the research process*. London: Sage Publications Limited, 1998.
- FELIX, B.; BENTO, M. Individual and Organizational Identities in Merger Contexts: A Boundary Perspective. *RAM. Revista de Administração Mackenzie*, 19(4), p. 1-28, 2018
- FERREIRA, M., CANELA, R.; PINTO, C. O processo editorial nos periódicos e sugestões para a publicação. *Revista de Gestão e Secretariado*, 5(2), p. 1-22. doi: 10.7769/gesec.v5i2.307, 2014

- FERREIRA, R., GOMES, J.; CARVALHO, A. Capacidade Absortiva Em Implementações De Analytics: Um Modelo De Pesquisa. RAM. Revista de Administração Mackenzie, 21(2), p. 1-28, 2020
- GLASER, B. G. Constructivist grounded theory? Forum: Qualitative Social Research, 3(3), art. 12, 2002. Disponível em < <https://www.qualitative-research.net/index.php/fqs/article/view/825/1793>>. Acesso em 30 ago 2020
- GLASER, B. G.; HOLTON, J. Remodeling grounded theory. Forum: Qualitative Social Research, 5(2), art. 4, 2004. Disponível em < <https://www.qualitative-research.net/index.php/fqs/article/view/607/1316>> Acesso em 30 ago 2020
- GOMES, R.; FELIX, B. O self no armário: uma teoria fundamentada sobre o silêncio de gays e de lésbicas no ambiente de trabalho. Cadernos EBAPE.BR, 17(2), p. 375-388, 2019
- GORDON-FINLAYSON, A. QM2: Grounded theory. In M. A. Forrester (Ed.), Doing qualitative research in psychology (pp. 154-76). London: Sage, 2010.
- GOULDING, C. Grounded Theory; A Practical Guide for Management, Business and Market Researchers. Sage, London, 2002.
- GYNMILD, A. Celebrating 50 Years of Grounded Theory: Onward and Forward (Editorial). The Grounded Theory Review, 16(1), p. 1-4, 2017
- HOLTON, J. A. Qualitative tussles in undertaking a grounded theory study. The Grounded Theory Review, 8, p. 37-50, 2009.
- HOLTON, J. The Coding Process and Its Challenges. The Grounded Theory Review, 9(1), p. 21-38, 2010
- INHAN, L., FERREIRA, J., MARQUES, C.; REBELO, J. Paradoxo de inovação no cluster do vinho: o caso da região demarcada do Douro. Revista de Administração de Empresas, 53(3), p. 256 - 271, 2013
- LARA, R.; GOSLING, M. Um modelo de gestão do relacionamento entre os cidadãos e a administração pública. READ. Revista Eletrônica de Administração (Porto Alegre), 22(2), p. 333-362, 2016
- LARENTIS, F., ANTONELLO, C.; SLOGO, L. Cultura organizacional e marketing de relacionamento: uma perspectiva interorganizacional. Revista Brasileira de Gestão de Negócios, 20(1), p. 37-56, 2018
- MEDEIROS, C.; SILVEIRA, R. Organizações que matam: uma reflexão a respeito de crimes corporativos. Organizações & Sociedade, 24(80), p. 39-52, 2017
- MENEGASSI, C.; FERNANDES, B. Teoria Axiológica de Comunhão: a construção social de recursos constitutivos da gestão de empresas de Economia de Comunhão. Cadernos EBAPE.BR, 14(2), p. 258-277, 2016
- MIGUEL, L.; POPADIUK, S. Integrando metodologias na análise de dados sob o paradigma interacionista simbólico: um caso prático. Cadernos EBAPE.BR, 12(2), p. 357-373, 2014
- NEVES, A., CARVALHINHA, P., MURITIBA, P.; MURITIBA, S. Diagnóstico e Análise das Competências dos Conselheiros de Administração. Revista de Administração de Empresas, 57(5), p. 453-469, 2017
- NORONHA, N. Contradições na organização do espaço habitacional de uma favela paulistana. Revista de Administração Pública, 52(6), p. 1056-1072, 2018
- O'CALLAGHAN, J. Grounded theory: a potential methodology. Counselling Psychology Review, 11(1), p. 23-28, 1996
- ONWUEGBUZIE, A., LEECH, N.; COLLINS, K. Innovative Data Collection Strategies in Qualitative Research. The Qualitative Report, 15(3), p. 696-726, 2010

- PINTO, M. Articulando a Etnografia e a Grounded Theory na Pesquisa do Consumidor. REAd. Revista Eletrônica de Administração, 20(2), p. 397- 424
- PINTO, M.; SOUZA, Y. From garment to fashion production: an analysis of the evolution of the apparel industry in Brazil. BAR - Brazilian Administration Review, 10(3), p. 304-322, 2013
- ROMAN, D., OSINSKI, M.; ERDMANN, R. A substantive theory on the implementation process of operational performance improvement methods. Revista de Administração (São Paulo), 52(2), p. 148-162, p. 2017
- SALDAÑA, J. The coding manual for qualitative researchers. London: SAGE, 2013
- SANT'ANNA, A.; DINIZ, D. (Re-)construing Space as Capital: Contributions from a Study with Local Entrepreneurs. BBR. Brazilian Business Review, 14(5), p. 544 -558, 2017
- SERRA, F.; FERREIRA, M. Comentário Editorial: Os Principais Motivos De Rejeição Na Revista Ibero-Americana De Estratégia. Revista Ibero-Americana de Estratégia - RIAE, 15(3), 2016
- STRAUSS, A.; CORBIN, J. Basics of qualitative research: Grounded theory procedures and techniques (1st ed.). Newbury Park, CA: Sage Publications, 1990
- STRAUSS, A.; CORBIN, J. Grounded theory methodology: An overview. In N. Denzin; Y. Lincoln, The handbook of qualitative research (p. 273-285). Thousand Oaks, CA: Sage Publications, 1994
- STRAUSS, A.; CORBIN, J. Basics of qualitative research. Techniques and procedures for developing grounded theory (2nd ed.). Thousand Oaks, CA: SAGE publications, 1998
- STRAUSS, A.; CORBIN, J. Pesquisa qualitativa. Técnicas e procedimentos para o desenvolvimento de teoria fundamentada. Porto Alegre: Artmed, 2008
- TROCCOLI, I. R. E os pesquisadores brasileiros que praticam Grounded Theory: o que fazem? Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação, 12(2), p. 20-37, 2014